

IV Centenário da Fundação da Cidade de São Paulo

SÃO PAULO EM QUATRO SÉCULOS

2.º Volume

Temas sôbre alguns aspectos da história e da geografia
de São Paulo e assuntos correlatos

Obra comemorativa organizada pelo Instituto
Histórico e Geográfico de São Paulo e editada
sob os auspícios da Comissão do IV Centenário
da Cidade de São Paulo



MDLIV — MCMLIV
São Paulo

ESBÔÇO DA MARCHA DO POVOAMENTO DO ESTADO DE SÃO PAULO

(Síntese complementar do mapa)

FAUSTO RIBEIRO DE BARROS

Até o ano de 1600:

Convenção: +

Povoamento português, representado por simples núcleos para defesa, aldeamento, cultivo da cana de açúcar, mandioca e insignificante criação de animais. Os poucos engenhos do litoral ocupavam mão de obra indígena e lusitana. Havia uma dezena de povoados: São Vicente, Santos, Itanhaém, Iguape, Cananéia, São Paulo, Santana do Parnaíba, Santo André da Borda do Campo, aldeamentos de Santo Amaro, Guarulhos, Moji das Cruzes, São José dos Campos, Atibaia.

O meridiano de Tordesilhas constituía fronteira ocidental, política e psicológicamente, aos portugueses, enquanto que atraía os espanhóis para as praias meridionais do Brasil, até Iguape e Cananéia.

Referindo-se à população paulista do fim do século XVI, escreveu Teodoro Sampaio: "Não havia no âmbito da vila (São Paulo), então limitada pelo largo de São Bento e do Teatro, senão 190 fogos permanentes, ou cêrca de 1500 almas ao todo." "Abrangia-se num raio de pouco mais de cinco léguas tudo o que a civilização, pelo braço dos portugueses, tinha até então conseguido em povoamento, lavouras e culturas nos campos de serra acima." ("São Paulo de Piratininga no Fim do Século XVI", vol. IV, p. 261, "Rev. do I.H.G.S.P.").

De 1600 a 1700:

Convenção: ○

Desenvolve-se o povoamento luso-mamaluco, na área planáltina, em *habitat* disperso, a caminho dos redutos indígenas (para oeste), e, principalmente, pelo vale do Paraíba (a leste), em domínio português e de mais fácil contacto com as Minas Gerais, com

o Rio de Janeiro e com a Bahia e o Nordeste. Seguindo os trilhos seculares dos guaranis, os bandeirantes marcham para o oeste e sudoeste. Minera-se no vale do Ribeira de Iguape, cujo ouro é incapaz de realizar o povoamento estável. No fim do século, os paulistas deslocam-se para as Minas Gerais, enquanto outros são chamados para o sul, por terra e por mar. Surgem como núcleos de povoamento: Itu, Jundiaí, Taubaté, Guaratinguetá, Jacareí, Escada, São Roque, Nazaré, Sorocaba, Pindamonhangaba, São Sebastião, Ubatuba, Atibaia. Por volta de 1660, abre-se o "caminho velho" de Parati a Guaratinguetá.

De 1700 a 1800:

Convenção: ©

Neste século, o povoamento se estende pelo interior da Capitania. Surgem pousos, ranchos, roças, sesmarias, nas rotas do ouro (para o norte), nos caminhos de tropa, para o sul; nos caminhos para o mar; na estrada nova para o Rio de Janeiro; pelo vale do Tietê. Fundam-se povoados, alguns instáveis, de interesse econômico ou militar. Marcam áreas de povoamento os seguintes núcleos: Apiaí, Ararapira, Areias (aldeia), Bananal, Botucatu (fazenda dos Jesuítas), Bragança, Cunha, Campinas, Casa Branca, Cutia, Faxina, Itapetininga, Lorena, Mojiguaçu, Mojimirim, Pôrto Feliz, Piracicaba, São Bernardo, São Pedro do Turvo (aldeia), São Luís do Paraíta, Xiririca, Capão Bonito, as escalas fluviais temporárias de Potunduva, Avandava e Itapura; diversos registros. A agricultura paulista intensifica-se, produzindo, para si e para as minas, açúcar, mandioca, milho, arroz e criação de gado. Mão de obra cabocla e africana.

De 1800 a 1900:

Convenção: ||||

O crescimento demográfico do Estado é grande. Chegam milhares de nortistas, europeus e africanos, bem como fluminenses e mineiros. O grande agente povoador é o café. Todavia, a cana de açúcar, os cereais, a criação de gado, o apossamento de terras devolutas, estimulam o povoamento extensivo de enorme porção territorial. Na segunda metade do século, as ferrovias asseguram o transporte e vão plantando cidades. Todo o vale do Paraíba é ocupado por imensos cafezais e o mesmo acontece com o interior médio do Estado, principalmente onde há terra roxa.

No ano de 1800, a Câmara de Pôrto Feliz representava ao governo, pedindo moratória para os canavieiros, em virtude de crise. Em 1814, a população da capital era de 6.000 habitantes apenas, ao passo que a do Estado era de 122.742. Em 1872, a riqueza agrí-

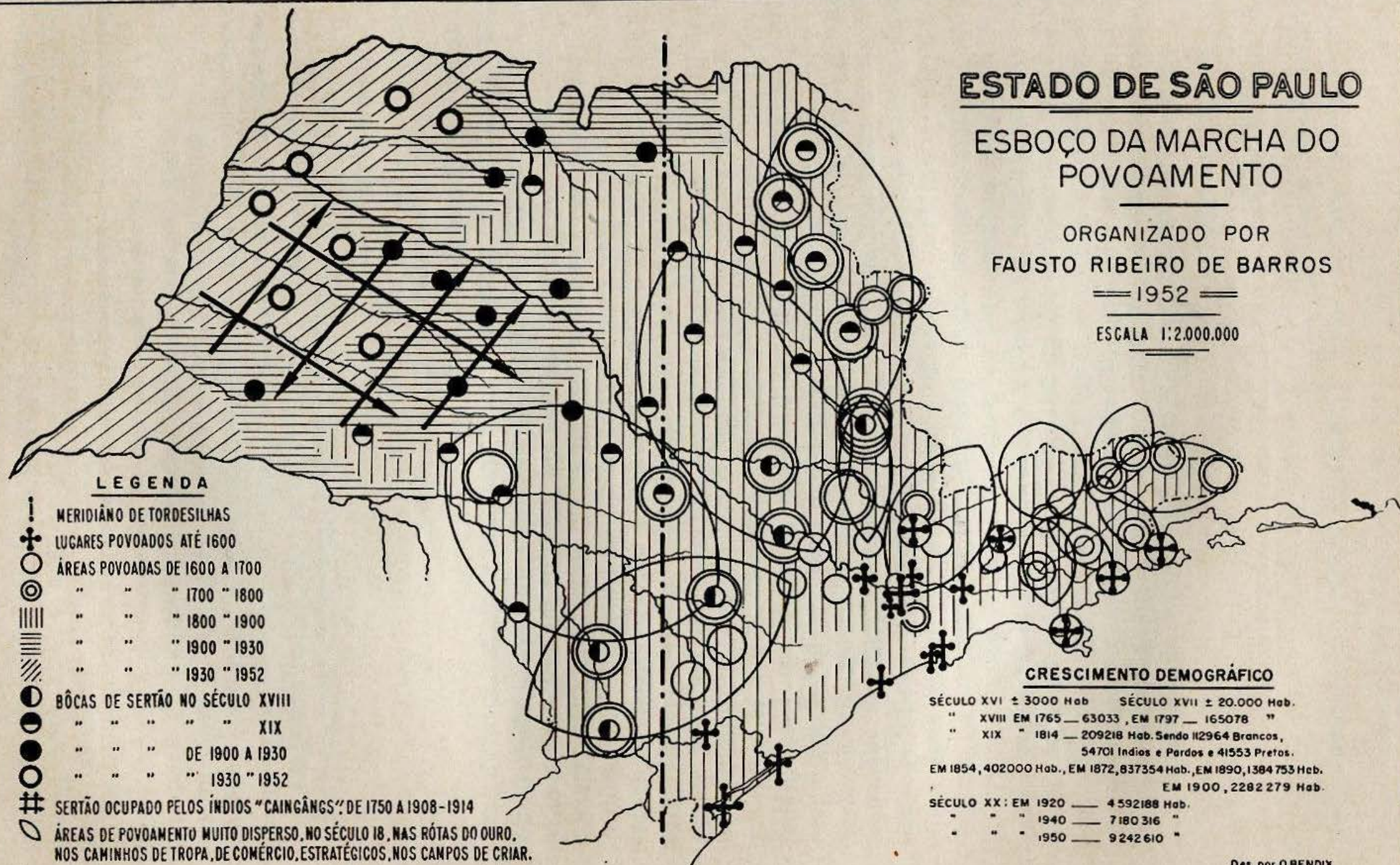
ESTADO DE SÃO PAULO

ESBOÇO DA MARCHA DO POVOAMENTO

ORGANIZADO POR
FAUSTO RIBEIRO DE BARROS

1952

ESCALA 1:2.000.000



LEGENDA

- ! MERIDIÃO DE TORDESILHAS
- + LUGARES POVOADOS ATÉ 1600
- ÁREAS POVOADAS DE 1600 A 1700
- ⊙ " " " 1700 " 1800
- |||| " " " 1800 " 1900
- ||||| " " " 1900 " 1930
- ||||/ " " " 1930 " 1952
- BÔCAS DE SERTÃO NO SÉCULO XVIII
- " " " " " XIX
- " " " DE 1900 A 1930
- " " " " 1930 " 1952
- # SERTÃO OCUPADO PELOS ÍNDIOS "CAINGÂNGS" DE 1750 A 1908-1914
- ÁREAS DE POVOAMENTO MUITO DISPERSO, NO SÉCULO 18, NAS RÓTAS DO OURO, NOS CAMINHOS DE TROPA, DE COMÉRCIO, ESTRATÉGICOS, NOS CAMPOS DE CRIAR.

CRESCIMENTO DEMOGRÁFICO

SÉCULO XVI ± 3000 Hab	SÉCULO XVII ± 20.000 Hab.
" XVIII EM 1765 — 63033 , EM 1797 — 165078 "	"
" XIX " 1814 — 209218 Hab. Sendo 112964 Brancos, 54701 Índios e Pardos e 41553 Pretos.	"
EM 1854, 402000 Hab., EM 1872, 837354 Hab., EM 1890, 1384753 Hab.	EM 1900, 2282279 Hab.
SÉCULO XX: EM 1920 — 4592188 Hab.	
" " " 1940 — 7180316 "	
" " " 1950 — 9242610 "	

Des. por O.BENDIX

cola do Estado dava-lhe mais de 800.000 habitantes, enquanto que nasciam nesse século 90 cidades.

De 1900 a 1930:

Convenção: ≡

Passada a crise do fim do século XIX, volta o café a impor-se. Faz-se o povoamento mais para o oeste, com redistribuição ou chegada de nacionais e a vinda de milhares de imigrantes estrangeiros. A colonização efetiva só se realiza, com uma grande cobertura demográfica, seguindo as novas ferrovias, cujas terras griladas ou os enormes latifúndios são loteados e vendidos. Por necessidade ferroviária, com os cruzamentos de trens, tomadas de água e lenha, de 3 em 3 léguas, mais ou menos, são estabelecidas estações ou chaves. Para elas convergem o homem e suas riquezas, ou em suas margens traçam-se cidades que florescem rapidamente. Assim, são povoadas a Zona Noroeste, a Alta Sorocabana, o primeiro segmento da Alta Paulista, até proximidades de Tupã, enquanto que no setor de Rio Preto o povoamento é dispersivo, exatamente porque a ferrovia estaca logo adiante, em Mirassol. O ramal da Sorocabana, para o sul, intensifica o povoamento, uma vez que o sudoeste já era área ocupada no século anterior, o mesmo ocorrendo no litoral. Inaugurada uma formidável vida pioneira no oeste paulista, foi ali dominada a hostilidade do índio caingangue. Apesar das péssimas rodovias de então, deve-se ao automóvel e ao caminhão a articulação eficiente dos meios rurais com os centros urbanos. Na capital, organiza-se o seu parque industrial e, em menor escala, o mesmo vai ocorrendo em algumas cidades do interior. Os centros urbanos aumentam suas funções, tudo em benefício da coletividade municipal. Prospera, no Estado, a vida econômica em todos os setores. Nascem 120 cidades.

De 1930 a 1952:

Convenção: ////

A crise de 1930 paralisara o avanço colonizador para o extremo oeste. Grandes extensões cobertas por cafezais foram abandonadas, tomando os colonos outros rumos. Porém, por volta de 1940, há um novo sopro vivificador da economia bandeirante. Sobem os preços e aumenta a procura de gêneros, de imóveis, de terras, de tudo. Então, a última franja florestal do oeste paulista é ocupada pela policultura. A indústria do urbanismo artificial, em mãos de empresas particulares, situa, traça, edifica dezenas de cidadelas. A Estrada de Ferro Araraquarense chega seus trilhos à vista do rio Paraná, enquanto que a Companhia Paulista ultrapassa Adamantina. Mas o caminhão, a "jardineira", o automóvel, são a segurança vital dos

transportes nas novas áreas de colonização. O povoamento é agora feito por redistribuição interna e com a chegada de milhares de nortistas e mineiros. As velhas fazendas modernizam suas técnicas agrícolas. Velhos cafezais transformam-se em invernadas ou algo-doais. Completa-se o debruçamento econômico paulista pelo norte do Paraná e se inicia a expansão para o sul de Mato Grosso, nas terras roxas de Dourados. As cidades duplicam seus contingentes humanos. O litoral, num ou noutro ponto, vai sendo procurado para veraneio ou "fim de semana", mau grado continue possuindo ainda um só pôrto para tôda a capitania de São Paulo. Neste período, surgem duas centenas de cidades. Completa-se a marcha do povoamento no Estado. Resta aproveitar melhor os espaços, principalmente no litoral e na zona serrana do Mar.

Outras convenções do mapa:

() Elipses são as áreas de povoamento, de 1700 a 1800, mais ou menos, extremamente refeito, em sesmarias, rotas de mineração, comércio, transporte de muares, boiadas, tropa de guerra, etc. Como não estabelecesse a ocupação efetiva do solo, não constituía povoamento útil.

—↓→ Flechas marcam grande área do oeste paulista dominada pelos índios caingangues, desde 1750, época em que cessou a catequese jesuítica entre essa nação. Entre 1912 e 1914, fôram pacificados. Antes, porém, vinham sendo exterminados a bala ou pela varíola, veiculada através das roupas contaminadas que eram propositadamente deixadas a seu alcance.

Crescimento demográfico do Estado:

	habitantes
Até o fim do século XVI, havia uns	3.000
Até o fim do século XVII, cêrca de	20.000
Em 1765, o censo acusava	63.033
No fim do século XVIII, cêrca de	110.000
Em 1814	122.742
Em 1826	160.446
Em 1837, cêrca de	200.000
Em 1872, fôram recenseados	837.354
Em 1890 idem, idem	1.384.753
Em 1900	2.282.279
Em 1920	4.592.188
Em 1940	7.180.316
Em 1950	9.242.610